

Estou no meio de homens que não conheço, num velho elevador cuja grade range durante a subida. Estou vestido como um funcionário ou como um operário em dia feriado. Pus mesmo uma gravata, o colarinho pica-me o pescoço, transpiro. Quando viro a cabeça, o colarinho aperta-me o pescoço. Tenho um encontro com o chefe (na minha cabeça, chamo-lhe Número Um), o escritório dele é no quarto piso, ou é no vigésimo; mal penso, deixo de ter a certeza. O anúncio do meu encontro com o chefe (na minha cabeça, chamo-lhe Número Um) chegou-me à cave, uma zona enorme com salas de betão sem ninguém e sinalizações dos abrigos em caso de bombardeamento. Suponho que será uma missão



que me vai ser confiada. Acerto a gravata e aperto o nó. Gostaria de ter um espelho para poder verificar a gravata. Impossível perguntar a alguém como está o nó da gravata. As gravatas dos outros homens no elevador estão impecáveis. Há uns que parecem conhecer-se. Falam em voz baixa de qualquer coisa, que não sei o que seja. Mas esta conversa deve ter-me distraído: na paragem seguinte, leio, aterrorizado, no indicador do andar por cima da porta do elevador o número oito. Já subi demais, a não ser que ainda tenha mais de metade do caminho a fazer. Decisivo é o factor tempo. CHEGAR CINCO MINUTOS ADIANTADO/É SER VERDADEIRAMENTE PONTUAL. Quando olhei a última vez, o meu relógio marcava dez horas. Lembro-me do meu sentimento de alívio: ainda quinze minutos até ao meu encontro com o chefe. Voltei a olhar, só tinham passado cinco minutos. Agora, entre o oitavo e o nono andares, volto a olhar para o relógio, marca exactamente catorze minutos e quarenta e cinco segundos depois das dez: já nem é de pensar na verdadeira pontualidade, o tempo não me ajuda. Faço rapidamente o cálculo: quatro a quatro, até ao quarto piso. Se não estiver certo, significará uma perda de tempo provavelmente irrecuperável. Posso continuar a subir até ao vigésimo piso e, se o escritório do chefe não for aí, volto de novo para o quarto piso, desde que o elevador não se avarie, ou desço as escadas (quatro a quatro), arriscando partir uma perna ou o pescoço, exactamente porque estou com pressa. Já me estou a ver estendido numa maca, trazida a meu pedido para o escritório do chefe e colocada diante da sua secretária, sempre disposto a servir, mas incapaz. Por agora, tudo se resume à questão a que o meu desleixo não permite responder, em que

piso é que o chefe (na minha cabeça, chamo-lhe Número Um) me espera com uma missão importante. (Tem de ser uma missão importante, pois, se não fosse, ter-me-ia enviado um subordinado.) Uma rápida olhadela ao relógio esclarece-me, já há muito que é tarde até para a simples pontualidade, se bem que o nosso elevador, tal como se depreende numa segunda inspecção, ainda não tenha chegado ao décimo segundo piso: o ponteiro das horas marca as dez, o dos minutos cinquenta, já nem penso no dos segundos, já não há tempo: estou sozinho no elevador, sem ter reparado onde e quando é que os outros cavalheiros saíram. Com um susto que me atacou até às raízes dos cabelos, olho para os ponteiros do relógio, de onde não consigo tirar os olhos. Giram no mostrador a uma velocidade cada vez maior, de tal modo que, num abrir e fechar de olhos, passam cada vez mais horas. Tenho a certeza de que alguma coisa se avariou há muito: no meu relógio, neste elevador, no tempo. Entre-go-me a especulações descabeladas: a gravitação diminui, uma perturbação, uma espécie de solavanco da rotação da Terra, como uma câibra na perna, no futebol. Tenho pena de saber tão pouco de física e de não poder formular cientificamente a gritante contradição que o meu relógio marca, entre a velocidade do elevador e a passagem do tempo. Porque é que não estudei? Porque li os livros errados, Poesia em vez de física?